

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CAMPUS VII-CODÓ  
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/ HISTÓRIA

MARIA LUCINEIDE MORAES VIEIRA

TRAJETÓRIA DOCENTE DE PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS  
COLARES MOREIRA E SENADOR ARCHER, DAS DÉCADAS DE 1950 A 1970,  
EM CODÓ/MA.

CODÓ-MA

2019

MARIA LUCINEIDE MORAES VIEIRA

TRAJETÓRIA DOCENTE DE PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS  
COLARES MOREIRA E SENADOR ARCHER, DAS DÉCADAS DE 1950 A 1970,  
EM CODÓ/MA.

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura Interdisciplinar em Ciências  
Humanas da Universidade Federal do  
Maranhão Campus VII-Codó, para obtenção  
do título de Licenciada em Ciências  
Humanas/História.

Orientadora: Prof. Dra. Jascira da Silva  
Lima

CODÓ-MA

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

VIEIRA, MARIA LUCINEIDE MORAES.

TRAJETÓRIA DOCENTE DE PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS COLARES MOREIRA E SENADOR ARCHER, DAS DÉCADAS DE 1950 A 1970, EM CODÓ/MA / MARIA LUCINEIDE MORAES VIEIRA. - 2019.  
38 p.

Orientador(a): Jascira da Silva Lima.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, 2019.

1. Codó. 2. Discriminação Racial. 3. Preconceito Racial. 4. Professoras Negras. I. Lima, Jascira da Silva. II. Título.

MARIA LUCINEIDE MORAES VIEIRA

TRAJETÓRIA DOCENTE DE PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS  
COLARES MOREIRA E SENADOR ARCHER, DAS DÉCADAS DE 1950 A 1970  
EM CODÓ/MA.

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura Interdisciplinar em Ciências  
Humanas da Universidade Federal do  
Maranhão Campus VII-Codó, para obtenção  
do título de Licenciada em Ciências  
Humanas/História.

Orientadora: Prof. Dra. Jascira da Silva  
Lima

Codó- MA, 20 /12/2019.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Jascira da Silva Lima (orientadora)  
UFMA-Campus VII-Codó-MA.

---

Profa. Dra. Franciele Monique Scopetc dos Santos  
UFMA-Campus VII-Codó-MA.

---

Profa. Ma. Maria Raquel Barros Lima  
UFMA-Campus VII-Codó-MA.

Dedico este trabalho a minha mãe Maria do Amparo Moraes Vieira, pelo incentivo na produção desta pesquisa e realização deste sonho.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me permitido chegar neste momento importante de meu percurso de minha vida acadêmica, estou concluindo o Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, habilitação em História, com um caminho iniciado no ano de 2013 como estudante da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Durante todo esse caminho com os desafios da vida acadêmica e do cotidiano sempre estive ao lado de pessoas que me motivaram a ter dedicação na minha trajetória durante o curso.

Agradeço aos meus pais João Costa Vieira (*in memoriam*) e Maria do Amparo Moraes Vieira, tive o apoio da minha mãe que assumiu o papel de mãe e pai ao mesmo tempo, sempre me dando força, coragem para continuar e não desistir do curso.

Agradeço também as minhas irmãs Jordana, Luziane, Lucivânia, Lucimar, Luciana, Lucilene, meus dois sobrinhos Elikacio, Maycon, que sempre estão presente em minha vida, em especial ao meu irmão Lucival e meu cunhado Messias que sempre me acompanhou ao logo do curso.

Agradeço a minha avó em especial que amo incondicionalmente. Agradeço aos meus tios que são como meus pais que me acompanham dando força ao longo da minha trajetória, as minhas tias e todos os meu familiares.

Agradeço em especial a minha orientadora Prof. Dra. Jascira da Silva Lima, por ter acreditado em minha pesquisa, sendo uma pessoa maravilhosa, compreensiva, dedicada, paciente, companheira e uma grande amiga que adquiri ao longo do curso e quero que ela sempre faça parte da minha vida, só tenho a agradecer a ela por ter acreditado em mim e que levarei os conhecimentos repassados por ela ao longo da minha vida.

Agradeço a minha amiga Josinete de Fátima Pereira Passos, funcionária da UFMA, que sempre me ajudou dando apoio incondicionalmente.

Agradeço as profissionais da educação as professora que se disponibilizaram a contribuir na realização da pesquisa de TCC, em especial as seguintes professoras: Ely Assis

Bayma Soares, Maria Erleni S. Gomes, Maria Raimunda Santos, Maria Raimunda Mota Muniz, Maria Constancia Muniz Borges e Maria das Graças Sousa Rocha.

Agradeço a vice- Gestora Edna Maria Pereira Sousa Dias, da Escola Colares Moreira e o Vice- Gestor Raimundo Gilcimar N. Lages, da escola Senador Archer, que contribuíram com as informações concedida das escolas dando contribuição neste trabalho.

Agradeço a todo o corpo docente da UFMA em especial aos meus professores do curso José Carlos Aragão, Tatiane da Silva Sales, Dorval do Nascimento, Edyene Moraes, Roneide dos Santos Sousa, Domingos Ribeiro Mendes Júnior, Jonas Rodrigues de Moraes e todos os professores que contribuíram na minha formação diretamente e indiretamente. Agradeço também a UFMA por ter me concedido Bolsa Permanência, por ter colaborado diretamente com minha permanência na instituição.

Agradeço aos meus amigos (a): Alexsandra, Nathalia, Socorro, Hilton Cesar, José Carlos, Juliana e meus companheiros de sala.

Agradeço a banca examinadora composta pela Profa. Ma. Maria Raquel Barros Lima, Profa. Dra. Franciele Monique Scopetc dos Santos

*“Em meio a tanta desigualdade, ao racismo e ao sexismo, a chegada da mulher negra na institucionalidade é surpreendente. Nossa presença assusta o conluio masculino, branco e heteronormativo”.*

*Marielle Franco.*



## RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo analisar a trajetória docente das professoras negras nas escolas, Colares Moreira e Senador Archer nas décadas de 1950 a 1970 na cidade de Codó/MA. O trabalho de campo teve como inquietação as formas de discriminação e preconceito racial sofrido pelas professoras negras durante o exercício da docência. O desenvolvimento deste estudo se deu segundo os parâmetros de uma pesquisa qualitativa. Para realização do trabalho de pesquisa utilizou-se como estratégia metodológica levantamento bibliográfico sobre essa temática, uso de entrevistas com professoras negras (público alvo da pesquisa), bem como resgate da história oral das sujeitas pesquisadas. Para análise dos dados foram utilizados estudos de autoras como Perrot (1989), que trata da Prática da Memória Feminina. As três autoras que se destacam nos estudos sobre a temática das trajetórias de professoras negras, quais sejam, Almeida (1998), Motta (2002), Tourinho (2008), além de Almeida (2018) e a discussão sobre preconceito e discriminação racial, dentre outros. A importância deste estudo se deve ao fato de que na realidade brasileira, desde a abolição da escravidão, a discriminação e o preconceito racial são tratados como ações clássicas de segregação e outras vezes é um processo silencioso, em que os sujeitos não percebem que estão sendo vítimas de discriminação racial, pelo fato de serem essas práticas naturalizadas socialmente.

**Palavras-chave:** Professoras Negras; Discriminação Racial; Preconceito Racial; Codó.

## ABSTRACT

This study aimed to analyze the teaching trajectory of black teachers in the schools, Colares Moreira and Senador Archer in the decades of 1950 to 1970 in the city of Codó / MA. The fieldwork was concerned with the forms of discrimination and racial prejudice suffered by black teachers during their teaching. This study was developed according to the parameters of a qualitative research. To carry out the research work was used as a methodological strategy bibliographic survey on this theme, use of interviews with black teachers (target audience of the research), as well as rescue of the oral history of the research subjects. For data analysis we used studies by authors such as Perrot (1989), which deals with the Practice of Female Memory. The three authors who stand out in the studies on the theme of trajectories of black teachers, namely, Almeida (1998), Motta (2002), Tourinho (2008), besides Almeida (2018) and the discussion about prejudice and racial discrimination, among others. The importance of this study is due to the fact that in the Brazilian reality, since the abolition of slavery, discrimination and racial prejudice are treated as classical segregation actions and other times it is a silent process, in which the subjects do not realize that they are being victims of racial discrimination because these practices are socially naturalized.

**Keyword:** Black Teachers; Racial Discrimination; Racial Prejudice; Codó.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRUDUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1. Os desafios metodológicos do estudo.....	13
1.2. Contextualização do Município de Codó/ MA .....	14
<b>2.O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO SOFRIDA PELAS PROFESSORAS NEGRAS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA EM CODÓ-MA ...</b>	<b>17</b>
2.1. Discriminação e preconceito racial: os enfrentamentos e resistências das professoras negras de Codó .....	20
2.2. O trabalho e a luta das mulheres negras por reconhecimento dentro e fora de casa ..	24
<b>3. CONSIDERAÇOESFINAIS.....</b>	<b>27</b>
4. REFERÊNCIAS .....	28
APÊNDICES .....	30
APÊNDICE-A .....	31
APÊNDICE-B .....	32

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objetivo analisar a trajetória docente das professoras negras nas escolas públicas Colares Moreira e Senador Archer nas décadas de 1950 a 1970 na cidade de Codó/MA. O exercício do magistério das professoras negras nestas escolas nas séries do ensino fundamental é marcante em suas trajetórias de vida, bem como se somam na questão da construção da identidade das mesmas. A partir da narrativa da trajetória de vida das professoras negras das décadas de 1950 a 1970 nas referidas escolas, buscou-se identificar e contextualizar as escolas e as trajetórias das professoras negras, e, por fim descrever as formas de discriminação ou preconceito sofridas por elas, como também suas formas de enfrentar estes preconceitos.

Diante da realidade brasileira, em que a docência da educação básica era ocupada quase que exclusivamente por mulheres, este trabalho tem como cerne de pesquisa, saber como na realidade das instituições escolares, Colares Moreira e Senador Archer, nas séries do ensino fundamental, as professoras negras foram discriminadas ou sofreram preconceitos de cor exercendo a função docente. Tendo como ponto de partida, o seguintes questionamentos: Como era a sua aceitação dentro destas escolas? Como as professoras negras lidaram ou enfrentaram a discriminação racial em suas trajetórias de vida?

O interesse em produzir sobre essa temática deu-se em função da importância do trabalho que as professoras negras desenvolveram na área da educação, passando pela valorização do papel das profissionais que contribuíram com o seu esforço no ensino, em especial as professoras negras que conquistaram o seu espaço na condição de educadoras. Estas profissionais enfrentaram e enfrentam muitos desafios para conquistar o seu espaço na educação, na luta para vencer o racismo e preconceito dentro das instituições de ensino, pois de fato constatou-se situações que as professoras negras viveram no seu cotidiano enquanto docentes, dentre outras questões destaca-se como ela é tratada entre as outras profissionais que não são negras na instituição de ensino, a relação com os alunos e suas histórias de escolarização

Como mulher negra e estudante do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História posso afirmar que as diferentes forma de opressão e preconceito persistem, sendo que a sociedade impõem modelo padrão a ser seguido, com ideologias de dominação branca que negativizam as negras como grupo social menos favorecido. Atos discriminatórios, situações de constrangimentos acometem pessoas negras que, em sua grande

maioria, não têm conhecimento de seus direitos para poder enfrentar a discriminação. Como estudante, percebo que as oportunidades para a mulher negra no mercado de trabalho ainda são poucas, prevalecendo à função de trabalhos domésticos na sociedade. Na área da educação, a mulher negra também tem poucas oportunidades para conseguir se formar em um curso superior de professora e exercer a profissão.

### 1.1 Os desafios metodológicos do estudo

O desenvolvimento deste estudo se deu segundo os parâmetros de uma pesquisa qualitativa. Para Gil (2008), na metodologia da pesquisa qualitativa a realidade não é exposta de forma regular, depende das condições de interpretação da observadora, que atribuirá o sentido á partir de sua compreensão na realização da pesquisa proposta no campo das Ciências Humanas.

Os recursos metodológicos para produção deste estudo, consistiu em levantamento bibliográfico sobre a temática, com estudo de trabalhos relacionados ao assunto, assim foram utilizados obras como de Perrot (1989); Almeida (1998); Gomes (1999); Cunha (2000); Gomes (2002). Para coleta de informações no campo foram realizadas entrevistas (roteiro apêndice B) com professoras negras, bem como resgate da história oral, porque segundo a autora Alves (2016), esse método possibilita buscar ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela. Ao mesmo tempo a entrevista possibilita compartilhar de experiências e aproximação entre o sujeito-pesquisado e a pesquisadora. A pesquisadora interessa ouvir e registrar a narrativa, a pesquisada interessa relatar aquilo que lhe é significativo, que lhe é importante e que por isto para ela deve e merece ser narrado, foi feita também análise de documentos disponibilizados pelas secretarias das escolas.

A produção de dados foi realizada nos meses de maio a junho no ano de 2019, tendo como público alvo professoras negras que lecionaram ou lecionam nos anos de 1950 a 1970 no Município de Codó Maranhão. Foram aplicados 06 questionários, com 08 perguntas, para as 06 professoras negras. As entrevistas foram realizadas em suas residências, assim como o preenchimento da ficha de identificação da informante (apêndice A), sendo que na ficha de identificação das participantes todas as professoras autorizaram as informações concedidas para o uso neste trabalho de pesquisa, conforme as informações que constam no quadro (01) abaixo:

**Quadro 01:** Perfil das professoras entrevistadas.

NOME DAS PROFESSORAS	IDADE	FORMAÇÃO	ANOS DE TRABALHO	DATA DA ENTREVISTA
Ely Assis Bayma Soares	71	Quarto adicional	46 anos	13/05/2019
Maria Erleni S. Gomes	57	Filosofia	26 anos	15/05/2019
Maria Raimunda santos	63	Filosofia	42 anos	15/05/2019
Maria Raimunda M. Muniz	69	Magistério	39 anos	30/05/2019
Maria Constancia Muniz Borges	63	História	45 anos	01/06/2019
Maria das Graças Sousa Rocha	70	Filosofia	55 anos	19/06/2019

Fonte: Organizado pela autora.

Durante as entrevistas percebeu-se, em primeiro momento, que as professoras enfrentaram muitas dificuldades em suas trajetórias educacionais, suas experiências profissionais como educadoras foram marcadas por enfrentamentos a discriminação e preconceito de cor. O fato de terem sido realizadas em suas residências fez com que as entrevistas transcorressem com tranquilidade, as entrevistadas se mostraram à vontade para falar sobre o assunto, responderam as questões demonstrando segurança no que relatavam. Algumas se sentiram felizes por serem lembradas para relatar sua história e seus percursos como educadoras, o que nos impôs responsabilidade com o registro destas narrativas.

O presente estudo está organizado com a introdução, metodologia e contextualização do Município de Codó Maranhão, desenvolvimento com análise do Preconceito e a Discriminação Racial nas trajetórias docentes de mulheres negras de Codó-Ma, seguido das Considerações Finais.

## 1.2. Contextualização do município de Codó/MA

O povoado de Codó foi elevado à categoria de Vila pela Lei Estadual nº 38/38, de 21.07.1838, sancionada pelo Presidente da Província do Maranhão Vicente Tomás Pires de Figueiredo Camargo. A Vila de Codó foi elevada à categoria de cidade através da Lei Estadual nº133/96, de 16.04.1896, sancionada pelo governador Alfredo da Cunha Martins. A origem do nome Codó, relaciona-se com charco, pântano, alagadiço, brejo. Para outros, Codó tem sua origem etimológica em Codorna ou Codorniz, ave que povoava o município nos primeiros tempos (SILVA, 2013).

Segundo Silva (2013, p.67 - 68), Codó foi grande produtora de algodão desde o período colonial, participando ativamente do processo de industrialização do Estado no setor

têxtil com o financiamento da Fábrica COMAM- Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão, que produzia algodãozinho, brins, mesclas, riscadas e sacaria. Além do algodão, o setor agrícola produzia em grande quantidade, arroz, mandioca, milho e feijão. No setor da indústria, os principais produtos industrializados eram: cimento, cal, óleo de babaçu, tijolo, telha, cerâmica e madeira. O extrativismo vegetal produzia amêndoas e babaçu, madeira, carnaúba e carvão e o extrativismo mineral: calcário, gesso e gipsita.

Codó foi um dos municípios maranhense que mais sofreu influência dos povos africanos, (principalmente no que diz respeito a rituais religiosos), com a difusão da umbanda que se propagou por todo o município com os negros escravizados. A chegada dos africanos para o município deu-se no início de 1780 e se propagou até 1790. Os portugueses chegaram ao município em 1850 e os sírios em 1887. Os portugueses e os africanos se voltaram à lavoura e os sírios ao comércio, uma vez que Codó era basicamente agrária e formada por essa diversidade étnica (SILVA, 2018).

Segundo os dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população estimada no ano de 2019 é 122.859 pessoas no Município de Codó-MA (BRASIL, 2017). De acordo com os dados do Censo IBGE no ano de 2010, no Maranhão, 75,2% da população é considerado negra, em Codó esse número chega a 83% da população (de 118.038 mil pessoas), onde 15.498 se auto declararam pretos e 84.435 pardos, o que totaliza 99.993 mil negros, seguidos de 16.739 brancos, 1.262 amarelos e 104 indígenas, (ALMEIDA, 2018).

Estes números reforçam a importância de desenvolver estudos sobre as populações negras, suas tradições e a discriminação e preconceito que sofreram ao longo da história.

O Município de Codó localiza-se na região Nordeste do Estado do Maranhão, situando-se na Mesorregião Leste Maranhense e na Microrregião dos Cocais. Os principais rios que drenam o Município de Codó são: Itapecuru, Saco e Codozinho. O rio Itapecuru, um dos mais extensos rios maranhenses, banha o município já em seu baixo curso, é o mais importante, pois possui maior volume de água e serviu de berço ao povoado que deu origem a cidade.

No que tange a educação do município a Escola Normal Ginásial de Codó foi criada em 1952, tendo como diretora a professora-normalista Carmen Palácio Lago (Carmita), sendo que a primeira professora normalista a atuar profissionalmente em Codó foi Filomena Catarina Moreira. Soma-se a estas, outras normalistas que contribuiram, significativamente, para o desenvolvimento educacional de Codó, a saber: Maria Alice Machado, Neide Elisa

Machado Veras, Luiza D'illy Alencar de Oliveira, dentre outras. (JÚNIOR & DE OLIVEIRA, 2017).

A professora Filomena Catarina Moreira, foi a primeira mulher negra codoense a se formar no curso de professora normalista. De origem humilde, não pertencia a nenhuma família de elite codoense, fatores incomuns para uma professora no período, uma vez que, as instituições educacionais reservavam diferentes espaços sociais para mulheres brancas e negras. Para a instrução escolar as mulheres negras não eram vistas como virtude do belo sexo, pois, dentro de um contexto marcado por preconceitos a mulher negra era vista de modo estigmatizado, onde suas potencialidades eram anuladas e silenciadas pela sociedade e instituições e assim, desde muito cedo, a população negra, e a mulher negra em particular, teve maiores dificuldades em integrar o quadro educacional. Sem as mesmas oportunidades, essa mulheres negras valeram-se dos trabalhos ligados à cozinha, á venda de salgados e doces nas ruas e lavagens de roupas. (SOARES & FERRO, 2019).

Durante a pesquisa de campo foi possível ter acesso às informações referente às escolas mais antigas da cidade, quais sejam, Escola Unidade Integrada Colares Moreira e Escola Senador Archer.

Segundo a Vice -Gestora, Edna Maria Pereira Sousa Dias, o Centro de Ensino Colares Moreira foi inaugurado no dia 07 de Março de 1934, com a nomenclatura de Grupo Escolar Colares Moreira. Surgiu da junção de três escolas Municipais: César Brandão, Ferreira Bayma e Urbano Santos, nesta época com (153) cento e cinquenta e três alunos e (05) professoras. Teve como Primeira Diretora a professora Normalista Filomena Catarina Moreira. Na escola tiveram diversas modalidades de ensino, como Infantil, Supletivo, Aceleração para alunos com defasagem série-idade, Ensino fundamental de 1º a 8º séries. Hoje atende exclusivamente o Ensino Médio Regular nos três turnos. Durante esse tempo a escola recebeu diversas nomenclaturas como Unidade Integrada Colares Moreira e hoje é chamada de Centro de Ensino Colares Moreira, em homenagem ao empresário e político Maranhense Alexandre Colares Moreira. (PPP, 2017-2019).

Os dados fornecido pelo Vice- Gestor, Raimundo Gilcimar N. Lages, informam que a Escola Senador Archer foi fundada no dia 15 de março de 1964, está situada a Rua Barão do Rio Branco, 822. Inicialmente denominado Centro Educacional Leonardo Araújo. Obteve autorização para o funcionamento de 1º grau menor a partir de sua fundação. Posteriormente passou a ser chamada Centro Educacional Municipal Senador Archer, conforme Resolução 040/79 do Egrégio Conselho Estadual de Educação, com atendimento da pré -escolar, 1º e 2º



graus oferecendo os cursos de magistério e científico. Recebeu essa nomenclatura em homenagem ao Cel. Sebastião Archer da Silva<sup>1</sup>, no mandato do então Prefeito, Moisés Alves dos Reis, tendo como primeira gestora, a Professora Priscila Alves dos Reis. (PPP, 2015).

## **2. O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL SOFRIDA PELAS PROFESSORAS NEGRAS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA EM CODO-MA**

A pesquisa bibliográfica que contribui para este estudo foi feita com leituras relacionadas ao tema da pesquisa. Fazem parte da abordagem publicações de autores em artigos científicos, livros e dissertações, com a mesma temática e que possibilitaram melhor análise sobre os dados empíricos levantados.

Na história oral e memória um estudo da autora Perrot (1989), que trata da Prática da Memória Feminina, relata que, em parte a história das mulheres, em seu acesso ao espaço público, foi negado. A autora traz no campo do conhecimento historiográfico a memória feminina em sua narrativa histórica tradicional, onde era reservado pouco espaço para mulher na cena pública -onde elas pouco aparecem. O século XIX claramente distinguiu o papel das mulheres nas esferas públicas e privadas, na representação dos papéis sociais desempenhados por mulheres se traduzia a retirada das mesmas de determinados lugares públicos. Porém, a exemplo da autora, entende-se que os modos de registro da participação da mulher nos espaços públicos estão ligados à sua cor de pele, ao seu lugar na família e na sociedade de forma geral.

A autora Cunha (2000), em seu artigo sobre a temática das mulheres também traz uma contribuição no sentido de que no Brasil, através da historiografia que analisa a temática feminina, pode-se verificar que são resgatados vários aspectos da condição feminina, em períodos que variam do século XIX até meados do século XX, como: ama-de-leite, operária, prostituta, militante, solteira, entre outros. Mas restaria ao pesquisador a sorte de encontrar tais arquivos intactos, posto que a queima dos diários pelas mulheres, para ocultar suas vidas pessoais, era muito comum, atestando, por sua vez, a adesão ao silêncio que a sociedade lhes impunha.

---

<sup>1</sup> Sebastião Archer da Silva era proprietário da Fábrica Companhia Manufatureira Agrícola do Maranhão e surgiu na Política Codoense em 1915, como vereador. Foi prefeito e exerceu, durante sua vida pública, vários cargos importantes na política brasileira, levando consigo a gratidão e respeito do povo codoense. Nasceu em São Luís, em 21 de março de 1883, filho de Raimundo Archer da Silva e Filomena Coelho Silva. Faleceu em 25 de agosto de 1974, na cidade do Rio de Janeiro.

Para a mulher deste período, recusar o casamento, a maternidade, a família e manifestar independência, era uma atitude essencialmente estranha àquela sociedade. No entanto, há que se ressaltar que, nas últimas décadas, a abordagem da temática da mulher avançou para além das articulações entre capitalismo e patriarcalismo, encaminhando-se para uma crítica à própria abordagem marxista da mulher e da sexualidade, nesta época.

No Brasil há três autoras que se destacam nos estudos sobre a temática das trajetórias de professoras negras e que cabe ressaltar, como a autora Motta (2002), em seu artigo *Mulheres professoras maranhenses: memória de um silêncio*, trata sobre resgatar a memória da exclusão/inclusão da mulher professora, ocultada no debate acadêmico, especialmente, no espaço universitário do Estado do Maranhão, sobre os estudos feministas e as relações de gênero. Este estudo aborda como ponto de partida o debate na década de 1980, na Universidade Federal do Maranhão, sobre a inclusão dessas profissionais nos espaços educacionais nos anos de 1990, até a atualidade, apresentando sua caminhada e contribuições.

Diante da renovação da historiografia, por meio de novos objetos, novos problemas e novas abordagens tornou-se possível a mulher negra ser reconhecida como sujeito e objeto na construção do conhecimento. Portanto desta forma, o fazer pedagógico, ampliado por múltiplas atuações da mulher negra professora, constitui um desafio contra a opressão de um sistema de ensino que insiste em tratar seus sujeitos essenciais (professoras e professores) como meros coadjuvantes na história da educação, e de forma mais perversa as professoras negras.

No caso estudo a professora Maria das Graças Borges Rocha afirma que as formas de enfrentamento a discriminação e ao esquecimento da mulher como protagonista da história precisa passar por intervenções de diversas natureza, a autora explica que:

É um tipo de preconceito no qual muitos indivíduos, negros são discriminados, rejeitados, diretamente ou indiretamente no seu cotidiano, trabalho, escola, sociedade etc. Muitas pessoas admitem que existem preconceito de cor no país, somos sim racistas mas não reconhecemos que individualmente somos atualmente preconceituosos em não aceitar a cor negra que temos e não aceitar também o outro como negro. Para isso mudar deve envolver investimento na educação, mais rigor na punição ao crime de racismo e formulação de novas políticas públicas. (ROCHA, 2019).

Para Tourinho (2008), em sua dissertação *Um estudo sobre as normalistas nas duas primeiras décadas do século XX em São Luís do Maranhão*, onde apresenta a história da educação e as relações de gênero; procura acompanhar atuações de alunas e egressas da Escola Normal do Maranhão, na transição do século XIX para o XX, tomando como ponto de

partida as ideias, principalmente referente às mulheres que compõem o ideário nacional do período. A Escola Normal, no período aqui analisado, era parte de um contexto em que a vontade de verdade com relação às mulheres, dirigia-se para o aprimoramento da condição de esposa e mãe, abnegadas em favor da ordem, da higiene social e do progresso material da nação. O acervo analisado, produzido pelo Estado, Escola Normal, jornais e depoimentos de normalistas, registra o legado que as mulheres professoras, com suas múltiplas vivências, subverteram em minúcias, ditames normativos que reproduziam um ideário onde o sexo feminino, considerado intelectualmente inferior.

Nas trajetórias de vida das professoras entrevistadas foi possível constatar que, mesmo em períodos diferentes, as mulheres que se dedicaram ao exercício da docência manifestam dedicação, esforço pessoal e intelectual de cumprir o seu papel de professora, mesmo diante de condições adversas, como expressa a professora Maria Raimunda Santos, o que vem a contradizer a narrativa de que as mulheres, especialmente as mulheres negras, eram intelectualmente inferiores: como mostra o papel desempenhado pela professora, fazendo o esforço de preparar as atividades de seus 52 alunos com cópias feita à mão, na época não existia o mimeógrafo, surgindo em período posterior e melhorando o trabalho de fazer as atividades escolares.

A minha formação profissional primeiro eu fiz Ciências da Religião, Filosofia na Faculdade FAEME em Coroatá em 1999 a 2006. Quando eu comecei trabalhar na realidade eu era professora leiga ainda estava estudando, mais com o passar do tempo, eu fui fazer faculdade, a primeira formação minha era Ciências da Religião, mais só que eu não tinha muita experiência, assim eu fui trabalhar com criança de jardim de 4 anos, aí nesse período eu acompanhei essas crianças do 2º período até o 4º ano, na época até colar grau, quando estava no jardim. Depois teve uma festa, quando terminou o 4º ano, então eu me sentir muito feliz, porque a minha turma era grande de 52 alunos. E tinha que alfabetizar todos, no final do 3º período todos estavam sabendo ler, escrever, formando palavra, formando frase, então isso pra gente quando você começar vê que estar rendendo, que as crianças já está sabendo, começa a fazer bilhetinho, tia eu ti amo, eu gosto de ti e tal, aquelas coisas. Então você se sente muito gratificante com isso, você chegar nesse período, pra mim foi uma bênção uma vitória muito grande. Quando eu cheguei nesse período eu consegui alfabetizar meus 52 alunos, todos sabendo ler e escrever. Isso no trabalho o recurso que a gente tinha era só o quadro e o giz, como a história, o cuspe e o giz, e mais nada a gente usava no trabalho da gente, escrevia há mão pegava o caderno daqueles alunos, escrevia todas há mão e depois é que surgiu o mimeógrafo, mesmo sendo a primeira escola de Codó, foi que já melhorou mais. Você escrevia na folha de papel com o carbono e aí você rodava no extenso aquelas folhas pra poder dar pra um e pra outro mas no momento era só na mão. (SANTOS, 2019).

No levantamento bibliográfico e nas leituras realizadas não foi encontrado registro da importância que a dedicação destas professoras, no exercício do magistério, para a educação

do município, o que de forma geral, comprova a negação do papel social da mulher nos espaços públicos, especialmente as mulheres negras.

Atualmente a História das Mulheres constitui um campo de estudos bastante privilegiado, mas, as mulheres enquanto profissionais do ensino têm sido constantemente relegadas ao esquecimento. Para a autora Almeida, (1998) em seu livro *Mulheres e Educação: a paixão pelo possível*- que retrata o magistério como profissão feminina, é com o movimento feminista e na esteira das reivindicações pelo voto, que possibilitaria as mulheres maior atuação política e social. A domesticidade foi invadida e as mulheres passaram a atuar no espaço público e a exigir igualdade de direitos, de educação e profissionalização. O magistério primário, como ocupação essencialmente feminina revelada já nesse período, possibilitou as mulheres, notadamente da classe média que se alicerçava no panorama socioeconômico do país, a oportunidade para ingressar no mercado de trabalho. Portanto nos primeiros anos do século XX, algumas conquistas femininas permitiram as mulheres frequentar escolas, porém não as universidades; tinham a possibilidade de trabalhar no magistério, mesmo ganhado pouco, e possuíam um pouco mais de liberdade.

Para Muller (1999), os dados obtidos sobre a existência de professores negros na Primeira República, inclusive atestada por fotografias, autorizam a conclusão que o pensamento racista, produzido no final do século XIX e início do século XX, não empolgaram da mesma maneira e com a mesma intensidade a todas as regiões do país e a todos os setores da elite intelectual. O movimento de inserção das professoras negras foi se ampliando em períodos posteriores. Nos casos analisados na cidade de Codó-MA, haviam professoras (leigas) negras lecionando, como narrado:

[...] Professora formada e quando eu comecei trabalhar na educação eu era professora leiga, depois me formei no colégio Magalhães de Almeida, naquele tempo tinha até o Quarto Adicional e não fiz faculdade, trabalhei 20 tantos anos no município e 26 anos no Estado assim eu levei a vida. (SOARES, 2019)

2.1. Discriminação e preconceito racial: os enfrentamentos e resistências das professoras negras de Codó.

Historicamente o racismo e o preconceito nem sempre têm explicações racionais. Muitas vezes o racista ou o preconceituoso conhecem muito pouco as pessoas ou os grupos de que têm repugnância. São sentimentos construídos ao longo da vida, através do convívio com outras pessoas que são racistas ou preconceituosas e transmitem essas ideias negativas, sem nenhuma comprovação. (MULLER, 1999).

Na fala da professora Maria Raimunda Mota Muniz aparece a ideia de que o racismo e o preconceito são situações corriqueiras, porém ressalta ser necessário intervir para que os mesmos não sejam naturalizados:

O preconceito é uma coisa que construiu não sei nem porque, pra mim isso aí não existe, não porque não leva a lugar nenhum. Não é porque eu seja negra, a gente tem que mostrar isso, conversar com os alunos da gente na escola porque sempre tem um aluno que se acha melhor que o amiguinho de condição ou a cor da pele. Isso aí tem que ser identificado com os alunos na escola, isso não leva a lugar nenhum, porque mais que você tente esconder da população ou dentro da escola, ou em qualquer lugar na escola em vez de diminuir faz é avançar, porque nunca vai acabar. (MUNIZ, 2019).

O racismo, como ideologia elaborada é fruto da ciência europeia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África. A ideologia racista se manifesta a partir do tráfico de escravo, mas adquire o estatuto de teoria após a revolução industrial europeia. (MUNANGA, 2001, p. 41).

Para nossas interlocutoras o racismo e o preconceito se expressam da seguinte forma:

O preconceito é aquilo que você faz e o racismo não pode existir, tem pessoas que cria aquele ali, tem aquele preconceito então é o racismo, não eu vou dar parte porque tu me chamou de preta, quem faz a coisa é você, me chamou de preta, me chamou de negra, tem que se impor menina essa é minha cor é essa mesma. Vamos botar o barco pra frente, me chamou de preta, não fulano me chamou de preta eu passo por cima dele e vou embora e não estou nem aí é desse jeito! Se você diz vamos na delegacia, aquela preta aquilo outra, pra mim é isso o racismo é a pessoa quem cria, fulano é cheia de racismo eu penso e acho assim. (SOARES, 2019).

Na época a gente não tinha muitas essas coisas não, nessa época de 1994 que trabalhei com os alunos na escola Colares Moreira, não tinha muito isso mais realmente com a explicação que temos agora com o entendimento que temos, a gente chama de discriminação, quando chegava pra fazer a matrícula alguém queria saber quem era a professora do meu filho e dizia, eu não quero essa professora aqui, eu quero a professora tal e comigo aconteceu porque eu sou negra, depois na sala de aula uns 4 alunos esses meninos tinha medo de mim, aí eu disse, mais meu filho por que eu tratava com maior amor, carinho, não porque a mamãe disse que negro não é gente é bicho negro é assim porque faz parte do satanás, então é uma coisa, se você fosse muito fraca não voltava mais pra sala de aula de maneira alguma, então não falava muito de negócio de gênero de cor, então agora já fala dessas coisas (SANTOS, 2019).

Ao tempo em que as professoras reconhecem as diferentes formas de preconceito, também manifestam as suas formas particulares de enfrentar a situação.

Para Gomes (2002) a escola é vista, como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais e de gênero, de classe e de idade. Nesse percurso, o negro e a negra deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura e a sua história. O que leva a crer que a identidade negra é forjada

também durante a trajetória escolar desses sujeitos, portanto as trajetórias de professoras negras tornam-se reveladora de preconceito e discriminação de cor, assim como suas formas de enfrentamento como explicitado no relato abaixo:

No período que fui professora logo nos primeiros anos a gente quase não via essas coisas, era difícil, quando aparecia uma criança que era meio assim observava mais o outro dizia você parece que é fresco, a gente procurava dizer pra ele que não era isso que ele estava falando, olha você tem que chamar o colega pelo nome. Uma coisa que eu nunca gostei na minha sala era apelido, olha todo mundo tem um nome, tem que chamar seu colega pelo nome, hoje chama de cada nome à pessoa que você vê, que não é assim, mas você já observa quando a criança tem que ser uma coisa o jeito dele sendo homem ou mulher, só que a gente como professora jamais vai abrir a boca e dizer as coisas pra ele, conversa com ele de maneira que ele não se sinta humilhado como uma pessoa rejeitada. (SANTOS, 2019).

Observe-se que, mesmo sendo elas vítimas de discriminação, as professoras negras, mesmo leigas, não se negam a intervir no ambiente da sala de aula quando há situações que instigam a discriminação, seja ela qual for.

De acordo com Gomes (1999) um fator que contribuiu no processo de rompimento discriminatório histórico-social das mulheres negras no campo educacional é a democratização da educação. Porque esse processo é fruto de múltiplas lutas dos movimentos sociais e da classe trabalhadora por uma justa inserção na sociedade e, mais especificamente, na escola. As mulheres negras sempre estiveram inseridas nos movimentos e lutas sociais e constituem uma parcela significativa da classe trabalhadora.

Para a professora Maria Constância Muniz Borges, havia na época diversas dificuldades para enfrentar os preconceitos se comparado aos dias atuais, reconhecendo assim as conquistas dos movimentos sociais para enfrentar os preconceitos.

Muito pouco discutido ou não discutido de jeito nenhum, hoje até se discute mais sobre o assunto mais na época não era discutido, não havia os movimentos como tem hoje, tem os movimentos, tem a TV então as pessoas é muito mais bem informado sobre o assunto do que na época [...] começava dos próprios livros didáticos que não tinha o que tem hoje, eu vejo hoje a discussão melhor mais sobre o assunto. (BORGES, 2019).

Segundo Almeida (2018) a noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade, que remonta aos meados do século XVI. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. Foram, portanto, as circunstâncias históricas de meados do século XVI que forneceram um sentido específico à ideia de raça.

Para Almeida (2018) embora haja relação entre os conceitos de racismo e da discriminação racial os mesmos diferem entre si. O preconceito racial é o juízo baseado em

estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Assim, a discriminação pode ser direta e indireta. A consequência de práticas de discriminação direta e indireta ao longo do tempo leva a estratificação social, um fenômeno inter geracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social é afetado.

No caso das entrevistadas foi possível identificar as duas situações, conforme segue:

Porque tem pessoas que pensa você é preta deve se levantar desse lugar aqui, seu fulano vem, lá vem seu fulano mas é isso então, você demonstra que é inferior aos outros por causa da sua cor, quem faz tudo isso é a própria pessoa. Lá vem seu fulano branco e eu tenho que sair daqui pra ele sentar porque eu sou preta, eu nunca fiz isso, quem faz isso aí é a própria pessoa, você pode reparar! Lá vem fulano não vou ficar aqui porque só tem branco [...] acaba tudo eu já não tinha medo de ninguém, minha cor ia pra todo canto, vamos pra lá já estava junto com ele com tudo, então é isso, quem faz a coisa é você. Eu sou preta tenho que ficar bem pra lá isolada do mundo? não vem que não tem! (SOARES, 2019).

Passei sim por esse momento, não foi fácil mais naquele tempo usei umas armas, tratar bem, fazer de conta que não via os olhares, os toques do trisca, trisca que me apontavam, e por conta de tudo isso procurava passar para mãe, filhos e toda comunidade que convivia, mostrando trabalho, mostrando para os pais sabedoria dos filhos diante daquela situação de constrangimento, mais o mesmo tempo entendia e pedia sabedoria a Deus, e voltava a pensar que não somos perfeitos (ROCHA, 2019).

Ainda segundo o mesmo autor o racismo pode levar a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raça em bairros - guetos, bantustões, periferias etc. – e/ou a definição de estabelecimentos comerciais e serviços públicos – como escolas e hospitais - como de frequência exclusiva para membros de determinados grupos raciais. O racismo, segundo esta visão, é concebido como uma espécie de patologia. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou ainda, a uma irracionalidade, a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis. Portanto o racismo é processo político. Político porque como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político, caso contrário seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros. O racismo tem, portanto, duas funções ligadas ao poder do Estado: a primeira é a de fragmentação, de divisão no contínuo biológico da espécie humana, introduzindo hierarquias, distinções, classificações de raças. A outra função do racismo é permitir que se estabeleça uma relação positiva com a morte do outro.

É possível ilustrar a forma como a perversidade do racismo opera na vida das pessoas, em especial das mulheres, a partir das experiências vividas e relatadas pelas professoras.

Se a pessoa não tem a cabeça no lugar você vai no fundo do poço. Porque você olha assim, não é uma pessoa nem branca é até uma pessoa igual a gente, mais porque é um pouco mais clara, ele se acha o tal e começa a discriminar, já chegaram a dizer pra mim negro é mal bicho, quando não mata faz feitiço, negro é mal bicho, quando não caga na entrada caga na saída, então tudo isso as pessoas não pensam pra falar as coisas pra gente, mais sempre eu nunca cheguei a discutir com essas coisas, sempre procurei mostrar o meu trabalho. Eu sou negra mesmo e tenho certeza disso e a gente vê pessoa negra da minha cor do meu jeito e tinha até vontade de mudar de cor e eu sempre me identifico procurando mostra o meu trabalho, gostar de mim. Se eu não gostar de mim quem é que vai gostar? Então eu sofri muito e hoje então mais a gente sofreu, eu sofri muito e hoje já melhorou mais a gente está observando, parece que está voltando tudo de novo no tempo a discriminação.

Persistir no exercício do magistério configurou, para estas mulheres, forma de resistir ao preconceito e discriminação racial que sofreram no passado e ainda sofrem.

## 2.2. O trabalho e a luta das mulheres negras por reconhecimentos dentro e fora de casa

Para Davis (2016) proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. O sistema escravista definia o povo negro como propriedade, já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero.

Para a professora Maria Erleni S. Gomes, que passou por um grande sacrifício para estudar e trabalhar em casa de família essa história ainda se reproduz entre as décadas de 1950 e 1970:

Me identifico uma pessoa negra da raça negra com muito orgulho vii, tenho orgulho de ser negra, as vezes as pessoas diz negra besta. Eu sou uma negra besta até porque, olha de onde eu vi pequenina eu nasci no interior e vim pra cidade, estudei, trabalhei nas casas de família com todo sacrifício, chegava na escola quando estudava no Ensino Médio, chegava de noite atrasada mais sempre procurei estudar, me casei estava terminando meu estudo, terminei e procurei entrar na prefeitura na primeira escola que trabalhei Carlos Gomes e nunca mais fiquei desempregada graças á Deus, nunca fiquei desempregada pense! Todo ano sou contratada. (GOMES, 2019).

Ao longo da década de 1830, as mulheres brancas tanto as donas de casa como as trabalhadoras foram ativamente atraídas para o movimento abolicionista. Porém trabalhando no movimento abolicionista, as mulheres brancas tomaram conhecimento da natureza da opressão humana e nesse processo também aprenderam importantes lições sobre sua própria sujeição. Ao afirmar seu direito de se opor á escravidão elas protestavam. Com a ausência de



mulheres negras na Convenção de Seneca Falls<sup>2</sup> ficou ainda mais evidente a contribuição que elas haviam dado á luta pelo direitos das mulheres. (DAVIS, 2016)

Segundo Davis (2016) por mais omissas que as primeiras militantes pelos direitos da mulheres tenham sido em relação á condição de suas irmãs negras, os ecos do novo movimento de mulheres foram ouvidas por toda a luta organizada pela libertação negra. Mas apenas um número pequeno de mulheres negras conseguiu escapar do campo, da cozinha ou da lavadeira. De acordo com o censo de 1890, havia 2,7 milhões de meninas e mulheres negras com idade acima dos dez anos. Mais de 1 milhão delas eram trabalhadoras assalariadas, 38,7% trabalhavam na agricultura, 30,8% nos serviços domésticos, 15,6% eram lavadeiras e ínfimos 2,8% em manufatureiras.

Em sentido complementar a mesma professora citada acima, reforça os espaços de trabalho conquistados por mulheres, á partir da luta por liberdade:

Lugar de mulher é na cozinha, é dirigindo seu fogão então nesse lugar não é lugar pra mulher é lugar pra homem. Hoje em dia eu acho assim que as mulheres estão mais ocupando espaços de que os homens, pode ver que tem mais mulheres trabalhando de que homens, então eu vejo isso que nós mulheres também nós como mulheres temos o nosso espaço de trabalho para poder adquirir a nossa liberdade. (GOMES, 2019).

Para Davis (2016), durante o período pós-escravidão, a maioria das mulheres negras trabalhadoras que não enfrentavam a dureza dos campos era obrigada a executar serviços domésticos. Mas sua situação, assim como a de suas irmãs que eram meeiras ou a das operárias encarceradas, trazia o familiar selo da escravidão. Portanto, aliás, a própria escravidão havia sido chamada, com eufemismo, de instituição doméstica, e as escravas eram designadas pelo inócuo termo serviços domésticos.

Entretanto em 1919, quando as líderes sulistas da Associação Nacional das Mulheres de Cor registraram suas reclamações, as condições do serviço doméstico estavam em primeiro lugar da lista. Elas tinham bons motivos para protestar contra o que educadamente denominaram exposição a tentações morais no trabalho. Porém quando a Primeira Conferência Nacional das Mulheres de Cor realizou sua assembleia em Boston, em 1895, as integrantes das associações de mulheres negras não estavam simplesmente imitando suas colegas brancas, que haviam reunido o movimento associativo em uma federação cinco anos antes (DAVIS, 2016, p. 107-148).

---

<sup>2</sup> A **Convenção de Seneca Falls** ocorreu de 19 a 20 de julho de 1848 na localidade de Seneca Falls, no estado de Nova Iorque, sendo a primeira convenção sobre os direitos da mulher nos Estados Unidos. (Ryerson, Lisa M. "**Falls revisited: Reflection on the legacy of the 1848 Woman's Rights Convention.**" Vital Speeches of the day 65.11 (1999): 327-332. Proquest. ABI/INFORM. 20 October (2005).

O resgate dessa história de luta e organização das mulheres negras para ocupar os espaços públicos, com reconhecimento e respeito a suas identidades, se faz necessário para compreendermos que é o reflexo dessa luta que faz com que as mulheres negras de Codó possam assumir, já a partir da década de 1950, o exercício da docência, fugindo a história designação do sistema escravista destinado as mulheres negras.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade vivida no Brasil desde a abolição da escravatura é discriminatória, com as mulheres negras, especialmente, porque suas reais condições de vida as impede de reconhecer a discriminação e o preconceito ao qual estão sujeitas. Por isso foi importante rememorar e escrever a história de mulheres que buscaram, mesmo diante do preconceito de sua cor, encarar à docência como profissão e missão.

Ao rememorar e analisar a trajetória das professoras negras, das escolas Colares Moreira e Senador Archer, em Codó - Maranhão, nas décadas de 1950 a 1970, pode-se constatar e registrar a contribuição que essas professoras deram para a educação no município, enfrentado situações adversas, quanto a estrutura do ensino e o preconceitos com relação a cor de sua pele. Algumas das entrevistadas negaram sofrer preconceito e discriminação na escola, porém afirmaram que algumas amigas sofreram, o que nos deixa a entender que o preconceito sofrido é opressor ao ponto de forçar o sujeito vitimado a negar a existência do mesmo.

A dedicação ao trabalho da docência demonstra como essas professoras acreditaram e transformaram o preconceito e a discriminação que sofreram em estratégias de enfrentamento ao mesmo, expressa na forma como as mesmas interviam na sala de aula, impedindo que situações de preconceito se reproduzissem entre seus alunos.

Outro desafio superado pelas professoras negras foi o fato de terem iniciado sua carreira no magistério como professoras leigas, pois á época era difícil a formação profissional. O quadro sobre o perfil das professoras aponta que as mesmas obtiveram êxito em suas buscas por qualificação profissional, o que garantiu a elas o auto reconhecimento da importância do seu papel enquanto educadoras.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível** / Jane Soares de Almeida – São Paulo: Editora UNESP. 1998.

ALMEIDA, F. M. V. S. D. (2018). **Políticas de ações afirmativas: um olhar sobre as cotas raciais na Universidade Federal do Maranhão-UFMA, campus VII**. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/2668/1/FranciscaAlmeida.pdf>. Acesso em 20 nov.2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa**. Uberlândia, 2016.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Codó**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/Codó/panorama>. Acesso em: 03 Out. 2019.

CUNHA, Maria de Fátima da Mulher e historiografia: da visibilidade á diferença. **Hist. Ensino**, Londrina, v. 6, p. 143, out. 2000. Disponível em: [www.uel.br/revistas/uevindex.php/histensino/article/view/12396/10864](http://www.uel.br/revistas/uevindex.php/histensino/article/view/12396/10864). Acesso em: 20 ago.2019

DAVIS, Angela, 1944-Mulheres, raça e classe [**recurso eletrônico**] / Angela Davis; tradução Heci Regina Candiani. -1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

FEITOSA, Antônio Cordeiro; ALMEIDA, EP de. A degradação ambiental do Rio Itapecuru na sede do município de Codó-MA. **Cad. Pesq**, v. 13, n. 1, p. 31-45, 2002. Disponível em: [http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%204\(16\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%204(16).pdf). Acesso em: 05 Out. 2019.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 9, p. 38-47, 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1296>. Acesso em: 07 ago.2019

GOMES, Nilma Lino. Mulheres negras e educação: trajetórias de vida, histórias de luta. **Revista Cadernos Pagu, Unicamp, V Encontro de História Oral, Belo Horizonte, FAFICH**, 1999. Disponível em: [http://miniweb.com.br/educadores/artigos/pdf/profas\\_negras.pdf](http://miniweb.com.br/educadores/artigos/pdf/profas_negras.pdf). Acesso em 03 ago.2019.

GIL, Antônio Carlos. **Método e técnicas de pesquisa social**. Antônio Carlos Gil .- 6. Ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

JUNIOR, Ronaldo Santos Ferreira; DE OLIVEIRA, Kelly Almeida. NORMALISTA CODOENSE: MEMÓRIAS, TRAJETÓRIA DOCENTE E CONTRIBUIÇÕES PARA CODÓ/MA. **A Mulher Afrodescendente no Cotidiano Escolar**, p. 78. Disponível em: [http://www.gemge.ufma.br/anais\\_ememce/textos/vol.2\\_6ememce.pdf#page=78](http://www.gemge.ufma.br/anais_ememce/textos/vol.2_6ememce.pdf#page=78). Acesso em 05 out. 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 3ª edição / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretária de Educação Fundamental. 2001.

MOTTA, Diomar das Graças. **Mulheres – professoras maranhenses**. Silva, Maria Dulce e NERY, Ines Sampaio (orgs.). Cenários e Personagens Plurais: estudo de gênero. Teresina: O povo, 2002.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. Professoras negras na primeira república. **Cadernos Penesb**, 1999. Disponível em:  
[http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalhos\\_encomendados/GT21/GT21\\_Lucia\\_Muller.pdf](http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalhos_encomendados/GT21/GT21_Lucia_Muller.pdf) Acesso em 03/08/2019.

PERROT, Michelle. “Práticas da memória feminina”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n. 18, p.13 ago/set. 1989.

SILVA, J. A. M. **CRUTAC**: a história da Extensão Universitária da UFMA no município de Codó no período de 1972 a 1979. 2013. Disponível em:

<https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/253/1/Dissertacao%20Jose%20Augusto.pdf>. Acesso em: 22 Set. 2019.

SILVA, Mônica Lima. **Onde as raparigas não entram: relações de gênero e sociabilidade no Centro Operário Codoense–MA**. 2018. Disponível em:  
<https://rosario.ufma.br/jspui/handle/123456789/2677https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/2677/1/M%c3%b4nicaSilva.pdf>. Acesso em: 22 set. 2019

SOARES, Maria Alda Pinto; FERRO, Maria do Amparo Borges. LEMBRANÇAS DE FILOMENA: Uma mirada biográfica sobre a primeira normalista de Codó–Maranhão (1908-1953). **CAMINHOS DA EDUCAÇÃO: diálogos, culturas e diversidades**, 2019, 1.1. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/9184>. Acesso em: 28 dez.2019.

TOURINHO, Mary Angélica. **As normalistas nas duas primeiras décadas do século XX em São Luís do Maranhão: entre o discurso da ordem e a subversão nas práticas**. Mary Angélica Tourinho. São Luís, 2008.

APENDICES

**APÊNDICE-A****UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS VII – CODÓ****CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA****ORIENTADORA: Dr. JASCIRA DA SILVA LIMA****MARIA LUCINEIDE MORAES VIEIRA****FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA INFORMANTE**

NOME: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

NATURALIDADE \_\_\_\_\_

ANO DE NASCIMENTO: \_\_\_\_\_

ESCOLARIDADE/FORMAÇÃO: \_\_\_\_\_

IDENTIDADE DE COR: \_\_\_\_\_

Outros \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo o uso das informações concedidas ao trabalho de pesquisa intitulada Trajetória das Professoras Negras nas Escolas Colares Moreira e Senador Archer nas Décadas de 1950 a 1970 em Codó/MA, da aluna Maria Lucineide Moraes Vieira, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó.

Codó-MA, \_\_\_\_/\_\_\_\_de 2019.

## APÊNDICE-B



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS VII – CODÓ**

**CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA**

**ORIENTADORA: Dr. JASCIRA DA SILVA LIMA**

**MARIA LUCINEIDE MORAES VIEIRA**

**TRAJETÓRIA DAS PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS, COLARES MOREIRA E  
SENADOR ARCHER NAS DÉCADAS DE 1950 A 1970 EM CODÓ/MA**

### **QUESTIONÁRIO APLICADO PARA AS PROFESSORAS NEGRAS.**

1. Como a senhora se identifica?
2. Qual a sua formação profissional? Quando e onde a senhora se formou?
3. Durante o seu processo de formação profissional recebeu alguma formação específica sobre gênero e cor, pelo fato de ser mulher e negra?
4. Como, quando e onde a senhora começou a carreira de professora?
5. Como era a sua relação na escola com os colegas de profissão e com os alunos?
6. A senhora sofreu preconceito de cor, por ser negra e mulher em seu trabalho como professora?
7. Para a senhora o que é o preconceito de cor/negra?
8. Como a senhora percebe a discussão sobre as questões de preconceito racial e de gênero no período em que foi professora na escola?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

ORIENTADORA: Jascira da Silva Lima

DISCENTE: Maria Lucineide Moraes Vieira

TÍTULO DO PROJETO: TRAJETÓRIAS DAS PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS COLARES MOREIRA E SENADOR ARCHER NAS DÉCADAS DE 1950 A 1970.

**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA INFORMANTE**

NOME: Eily Assis Bayma Soares  
ENDEREÇO: Rua Gonçalves Dias Bairro São Francisco n: 980  
NATURALIDADE: Codó-MA  
ANO DE NASCIMENTO: 10/11/1948  
ESCOLARIDADE/FORMAÇÃO: Professora

IDENTIDADE DE COR: Negra

OUTROS: \_\_\_\_\_

Eu, Eily Assis Bayma Soares autorizo o uso das informações concedidas ao trabalho de pesquisa intitulada Trajetória das Professoras Negras nas Escolas Municipais Colares Moreira e Senador Archer nas Décadas de 1950 a 1970, da aluna Maria Lucineide Moraes Vieira, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó.

Codó-MA, 13/05 de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

ORIENTADORA: Jascira da Silva Lima

DISCENTE: Maria Lucineide Moraes Vieira

TÍTULO DO PROJETO: TRAJETÓRIAS DAS PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS COLARES MOREIRA E SENADOR ARCHER NAS DÉCADAS DE 1950 A 1970.

#### FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA INFORMANTE

NOME: Maria Euleni S. Gomes  
ENDEREÇO: Av. 01 A. 09 Casa 17 Conj. Cohab 1500  
Francisco Codó, MA  
NATURALIDADE: de Codó  
ANO DE NASCIMENTO: 05/09/1962  
ESCOLARIDADE/FORMAÇÃO: Profª Formada em Filosofia

IDENTIDADE DE COR: Negra

OUTROS: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo o uso das informações concedidas ao trabalho de pesquisa intitulada Trajetória das Professoras Negras nas Escolas Municipais Colares Moreira e Senador Archer nas Décadas de 1950 a 1970, da aluna Maria Lucineide Moraes Vieira, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó.

Codó-MA, 15/05 de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

ORIENTADORA: Jascira da Silva Lima

DISCENTE: Maria Lucineide Moraes Vieira

TÍTULO DO PROJETO: TRAJETÓRIAS DAS PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS COLARES MOREIRA E SENADOR ARCHER NAS DÉCADAS DE 1950 A 1970.

#### FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA INFORMANTE

NOME: Maria Raimunda Santos  
 ENDEREÇO: Rua Desembargador Vasconcelos Torres  
número 1923 Bairro São Pedro Codó/MA  
 NATURALIDADE: maranhense  
 ANO DE NASCIMENTO: 10/01/1956  
 ESCOLARIDADE/FORMAÇÃO: Professora leigo no início  
e me formei em ciência da religião e filosofia na  
Faculdade Faeme em Coroatá de 1999 a 2006  
 IDENTIDADE DE COR: negra que vivei com  
 OUTROS: grande dificuldade por preconceito que  
assola com a vida de qualquer pessoa.

Eu, Maria Raimunda Santos ou Raimundinha autorizo o uso das informações concedidas ao trabalho de pesquisa intitulada Trajetória das Professoras Negras nas Escolas Municipais Colares Moreira e Senador Archer nas Décadas de 1950 a 1970, da aluna Maria Lucineide Moraes Vieira, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó.

Codó-MA, 15/05 de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

ORIENTADORA: Jascira da Silva Lima

DISCENTE: Maria Lucineide Moraes Vieira

TÍTULO DO PROJETO: TRAJETÓRIAS DAS PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS COLARES MOREIRA E SENADOR ARCHER NAS DÉCADAS DE 1950 A 1970.

**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA INFORMANTE**

NOME: Maria Raimunda Mota Muniz  
ENDEREÇO: Rua 08 Qd 07 C=22 (conf. mutirão  
Bairro - São Francisco  
NATALIDADE: Maranhense  
ANO DE NASCIMENTO: 16/02/1950  
ESCOLARIDADE/FORMAÇÃO: Professora  

---

  
IDENTIDADE DE COR: negra  
OUTROS: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Eu, Maria Raimunda Mota Muniz autorizo o uso das informações concedidas ao trabalho de pesquisa intitulada Trajetória das Professoras Negras nas Escolas Municipais Colares Moreira e Senador Archer nas Décadas de 1950 a 1970, da aluna Maria Lucineide Moraes Vieira, sobre orientação da Profª. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó.

Codó-MA, 30/05 de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA  
CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA  
ORIENTADORA: Jascira da Silva Lima  
DISCENTE: Maria Lucineide Moraes Vieira  
TÍTULO DO PROJETO: TRAJETÓRIAS DAS PROFESSORAS NEGRAS NAS  
ESCOLAS MUNICIPAIS COLARES MOREIRA E SENADOR ARCHER NAS  
DECADAS DE 1950 A 1970.

**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA INFORMANTE**

NOME: Maria Constancia Muniz Borges  
ENDEREÇO: Rua da Estrela 1437-A Bairro São Pedro  
\_\_\_\_\_  
NATURALIDADE: Codoense  
ANO DE NASCIMENTO: 11-03-1956  
ESCOLARIDADE/FORMAÇÃO: Graduação e especialização  
em história  
\_\_\_\_\_  
IDENTIDADE DE COR: parda  
OUTROS: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Eu, Maria Constancia Muniz Borges autorizo  
o uso das informações concedidas ao trabalho de pesquisa intitulada Trajetória das  
Professoras Negras nas Escolas Municipais Colares Moreira e Senador Archer nas  
Décadas de 1950 a 1970, da aluna Maria Lucineide Moraes Vieira, sobre orientação da  
Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó.

Codó-MA, 01/06 de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

ORIENTADORA: Jascira da Silva Lima

DISCENTE: Maria Lucineide Moraes Vieira

TÍTULO DO PROJETO: TRAJETÓRIAS DAS PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS COLARES MOREIRA E SENADOR ARCHER NAS DÉCADAS DE 1950 A 1970.

**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA INFORMANTE**

NOME: Maria das Graças Louze Roche

ENDEREÇO: Rua Rui Barbosa - nº 211

Bairros São Silomene

NATALIDADE: Maranhense

ANO DE NASCIMENTO: 29-12-1949

ESCOLARIDADE/FORMAÇÃO: 2ª grau -  
Minha formação em Filosofia

IDENTIDADE DE COR: Negra

OUTROS: Mulher negra, mãe de família  
com netos etc

Eu, Maria das Graças Louze Roche autorizo o uso das informações concedidas ao trabalho de pesquisa intitulada Trajetória das Professoras Negras nas Escolas Municipais Colares Moreira e Senador Archer nas Décadas de 1950 a 1970, da aluna Maria Lucineide Moraes Vieira, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Codó.

Codó-MA, 19/06 de 2019.